



LHM

PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS: A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

Jessica Wu* ¹

*Universidade Federal do Paraná (UFPR)

e-mail: jessicarmce@gmail.com

Wellington Stefaniu* ²

*Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

e-mail: wstefaniu@unicentro.br

Resumo: Desde a concepção de um modelo de ensino para atender os anseios da burguesia, a literatura serviu como um veiculador de saberes por meio de sua linguagem adaptada e direcionada ao público infantojuvenil, por isso o ensino do texto literário sempre foi voltado para questões sócio-históricas com fins educativos, sobretudo para essa faixa etária. Nesse ínterim, o presente artigo busca, utilizando da revisão bibliográfica, repensar a forma de trabalhar a literatura em sala de aula, tendo como enfoque o letramento literário. Visando contribuir com a formação do leitor literário infantojuvenil, toma-se como corpus a série do gênero fantástico Percy Jackson e os Olimpianos (2014), que faz parte do ambiente escolar. Como subsídio teórico utilizar-se-ão de autores como Colomer (2003), Zilberman (2003), Lajolo (1993) e Soares (2006) para tratar da literatura infantojuvenil, Candido (2017), Eliade (1972) e Todorov (1970) para a literatura fantástica e Cosson (2021; 2022) e Margallo (2021) para o letramento literário. A partir das análises, observa-se que a série possibilita o incentivo à formação do leitor literário ao utilizar inúmeras estratégias para incentivar a continuidade da leitura e buscar por outras obras mais complexas, principalmente o uso dos mitos gregos adaptados para ensinar assuntos humanos e trabalhar questões individuais e coletivas que permeiam a sociedade, tanto do universo do leitor quanto das histórias. Compreendeu-se, por fim, que a formação do leitor literário é gradativa, por isso a importância de partir de literaturas mais acessíveis para as progressivamente mais complexas, pois o leitor só amadurece a partir de desafios.

Palavras-chave: ensino de literatura; literatura fantástica infantojuvenil; mitologia greco-romana;

Percy Jackson and the Olympians: the contribution of children's middle grade literature to the formation of new readers

Abstract: Since the conception of a teaching model to meet the desires of the bourgeoisie, literature has served as a conveyor of knowledge through its language adapted and directed at children and adolescents, so the teaching of literary texts has always been focused on socio-historical issues with

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6986000628843990>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7803-4576>.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (Uem). Professor colaborador na Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0509077791084768>.



educational purposes, especially for this age group. In the meantime, using a literature review, this article seeks to rethink the way literature is taught in the classroom, focusing on literary literacy. With the aim of contributing to the formation of literary readers among children and adolescents, the corpus is the fantastic series Percy Jackson and the Olympians (2014), which is part of the school environment. As theoretical support, authors such as Colomer (2003), Zilberman (2003), Lajolo (1993) and Soares (2006) will be used to deal with children's middle grade literature, Candido (2017), Eliade (1972) and Todorov (1970) for fantastic literature and Cosson (2021; 2022) and Margallo (2021) for literary literacy. Based on the analysis, it can be seen that the series encourages the formation of literary readers by using numerous strategies to encourage them to continue reading and seek out other more complex works, especially the use of Greek myths adapted to teach human subjects and work on individual and collective issues that permeate society, both in the reader's universe and in the stories. Finally, it was understood that the formation of the literary reader is gradual, which is why it is important to start from more accessible literature to progressively more complex ones, as the reader only matures through challenges.

Keywords: teaching literature; fantastic children's middle grade; Greco-Roman mythology;

Introdução

Partindo do pressuposto de que a literatura é um direito humano, segundo Antonio Candido (2017), compreende-se a importância do ensino de literatura no âmbito escolar. No entanto, conforme aponta Regina Zilberman (1985; 2003), devido às heranças de uma formação literária visando a educação, o ensino da literatura sempre foi voltado para questões sócio-históricas, ou então os textos literários eram utilizados como pretextos para o ensino de gramática.

Surge, então, a necessidade de repensar a forma de trabalhar a literatura – sobretudo ao público infantojuvenil, a faixa etária que se encontra entre a infância e a adolescência, tão importante à formação do hábito da leitura – tendo em mente a real função dela de humanizar e formar indivíduos críticos, reflexivos, preceptivos, emotivos, com senso de humor e capazes de compreender a complexidade do mundo e dos seres (Candido, 2017).

O presente artigo discorre sobre a importância da literatura fantástica infantojuvenil no âmbito escolar, tendo como aporte teórico autores como Tzvetan Todorov (1970) – para abordar a literatura fantástica partindo de um entremeio da realidade com o fantástico, o qual causaria uma hesitação no leitor –, Marisa Lajolo (1993) e Antonio Candido (2017) – para tratar da importância da literatura proporcionar identificação e transformação do sujeito no mundo em que está inserido –, Maria Antonieta Cunha (1986), Peter Hunt (2010) e Benedito Antunes (2019) – para definir o que é literatura infantojuvenil, suas principais características, seus impactos, sua função e sua importância –, Rildo Cosson (2022) – para



compreender a importância do letramento literário na formação de leitores de literatura –, entre outros. Para tanto, toma-se como corpus da pesquisa a série Percy Jackson e os Olimpianos (2014), composta de cinco livros sobre as aventuras de um adolescente semideus – filho de um deus com uma mulher mortal – e seus amigos. Riordan transformou as histórias de ninar inspiradas nos mitos gregos que contava ao seu filho mais velho Haley, na época recém-diagnosticado com TDAH e dislexia, em best-sellers na categoria infantojuvenil nos Estados Unidos, segundo o *The New York Times* (2005). Sua obra tornou-se também sucesso mundial, pois foi traduzida em 37 línguas e chegou a mais de 35 países, vendendo mais de 180 milhões de cópias da série completa no mundo todo, segundo uma pesquisa feita pelo *Wordsrated*, em 2021. Além disso, ganhou duas adaptações cinematográficas em 2010 e 2013 pela 20th Century Fox e uma série televisiva pela Disney+, lançado em dezembro de 2023. Os tão aclamados livros de Riordan chegaram ao Brasil por meio da editora Intrínseca: *O Ladrão de Raios* em 2008, *O Mar de Monstros* e *A Maldição do Titã* em 2009, *A Batalha do Labirinto* e *O Último Olimpiano* em 2010. São obras infantojuvenis que se fazem presentes no ambiente escolar, assim como as de J. K. Rowling (1965 -), V. E. Schwab (1987 -), Leigh Bardugo (1975 -), Cassandra Clare (1973 -), Stephanie Meyer (1973 -), George R. R. Martin (1948 -), entre outros.

Em linhas gerais, o objetivo deste artigo é analisar, a partir da revisão bibliográfica, elementos dessa série fantástica que contribuam para a formação inicial do leitor literário baseado no letramento literário, para assim ampliar a competência leitora – tendo em vista que essa área da crítica literária define o letramento como algo que vai além de saber decodificar as palavras: é também desenvolver a capacidade de construir sentidos a partir da literatura –, difundir a sua importância e fomentar o conhecimento e a criticidade a partir de uma leitura de mundo do indivíduo.

A Maldição da Literatura Infantojuvenil

Segundo Teresa Colomer (2003), inicialmente, a criação e a difusão da literatura de tradição oral não eram especialmente voltadas ao público infantil, mas, quando passou a ser registrada, houve um apelo a estes ouvintes, a fim de que seu conhecimento de mundo aprendido antes pelas interações sociais fosse possibilitado pela instituição escolar. Por isso que, quando ocorreu o enfraquecimento do compartilhamento dessa literatura oral pela



população, elas não foram esquecidas e se mantiveram no imaginário coletivo das sociedades contemporâneas, pois recorreram a um público novo: o público infantil.

A concepção de infância e de juventude, tal como é entendida atualmente, foi motivo de indagação de muitos autores, como do historiador francês Philippe Ariès e do psicólogo eslavo Lev Vigotski, desde o surgimento da modernidade. De acordo com Zilberman (2003), essa concepção passou por um processo de ruptura entre o feudalismo e a burguesia, em função do modelo unicelular da família enquanto uma instituição nuclear, a qual se abstém da coletividade representada pelas relações feudais de poder dadas ao parentesco para privilegiar a individualidade emergente do novo modelo burguês. Segundo a autora, até então, a criança, condicionada à aprendizagem de mundo pelas relações interpessoais com pessoas de várias faixas etárias, acaba passando por um dilema: como aprender sobre o mundo exterior sendo privada dele? A solução imediata foi a reunião de várias crianças e jovens, divididos por faixa etária, a fim de ensiná-los sobre o mundo exterior em uma vivência pelo modelo tradicionalista escolar. Muitas estratégias foram criadas para esse fim, como a composição de materiais específicos para o ensino de cada idade, pelas quais a literatura assumiu um papel de grande relevância.

Partindo dessa perspectiva, a literatura infantojuvenil adquire uma espécie de “maldição” ao surgir com o intuito de educar as crianças, sendo seus primeiros autores os professores e pedagogos e, em razão dessas raízes, ela ainda é concebida como um simples material educativo com fins pedagógicos (Zilberman, 2003), a despeito de sua característica artística, visto que costuma ser abordada e trabalhada na sala de aula como um manual de instruções com um fim didático, com o objetivo de tornar as crianças capazes de dominar alguma habilidade. Nesse ínterim, Lajolo (1993, p. 22) afirma que

É essencial, por exemplo, compreender que a literatura infanto-juvenil é um produto tardio da pedagogia escolar: que ela não existiu desde sempre, que, ao contrário, só se tornou possível e necessária (e teve, portanto, condições de emergir como gênero) no momento em que a sociedade (através da escola) necessitou dela para burilar e fazer cintilar, nas dobras da persuasão retórica e no cristal das sonoridades poéticas, as lições de moral e bons costumes que, pelas mãos de Perrault, as crianças do mundo moderno começaram a aprender.

Ademais, com a forte presença dos mitos e do folclore, nasce a literatura infantojuvenil, em que todas as produções voltadas para esse público tinham fins didáticos e moralizantes, para regular as crianças e os jovens a partir do estabelecimento de regras



sociais a serem respeitadas, deixando de lado, em sua maioria, a preocupação com a qualidade de textos literários. Entretanto, tomar o texto literário como pretexto para práticas pedagógicas implica deixar de lado a real função da literatura, a qual se constitui em contribuir para que o leitor se reconheça como sujeito e conheça o mundo em que está inserido, como Lajolo (1993, p. 26-27) propõe:

Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os, pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de *criança* e de *jovem* (grifos da autora).

Atualmente, toma-se a finalidade da literatura infantil como o diálogo de adultos com crianças de sociedades de épocas distintas (Colomer, 2003). É difícil definir com exatidão o que seria literatura infantil e/ou juvenil, pois, como elucida Lajolo (1993), ambas são construções sociais, conceitos instáveis: dependendo do contexto, o que é infantil pode ser juvenil e vice-versa.

Discutiu-se o gênero da literatura infantojuvenil por várias décadas, diversos teóricos questionaram se essa literatura tinha o mesmo valor estético dos textos considerados como a “verdadeira” literatura, ou seja, a literatura tradicional, que, de acordo com Jonathan Culler (1999), seria uma espécie de erva daninha, no sentido de que representa as relações sociais e o universo que nos circunda e, ao mesmo tempo, incomoda o leitor, gerando uma espécie de reflexão pelo estranhamento. Entretanto, Roberto Reis (1992) questiona em sua obra *Cânon* que, historicamente, a tradição literária costuma hierarquizar aquilo que realmente pode ser considerado como texto literário, excluindo de seus cânones textos produzidos por sociedades ágrafas, mulheres, afrodescendentes e textos direcionados às crianças. Nessas discussões, de um lado, presumia-se que a literatura infantojuvenil era artisticamente inferior, e de outro, incentivava-se o abandono dessa reflexão teórica em prol do pragmatismo do incentivo à leitura. Contudo, esses debates infrutíferos foram deixados de lado e os teóricos passaram a focar “em definir os traços específicos da literatura para crianças e em julgar as obras pelo seu êxito no uso das convenções do gênero” (Colomer, 2003, p. 51), como, por exemplo, a simplicidade da obra – que, por sinal, é mais complexa do que aparenta ser –, o protagonismo de crianças e jovens nessas histórias, e certos



elementos recorrentes nas tramas, como situações imprevistas, peripécias, aventuras, oposições entre personagens como herói e vilão, desfecho feliz, entre outros.

Nesse sentido, segundo Cunha (1986), observou-se que a imaturidade linguística, emocional e intelectual dos leitores é um dos fatores que determina as limitações do gênero infantojuvenil, mas, ao mesmo tempo, não o torna “menos literário”, pois todos os gêneros têm suas limitações e, no fundo, a “obra literária para crianças é *essencialmente* a mesma obra de arte para o adulto. Difere desta apenas na complexidade da concepção: a obra para crianças será mais simples em seus recursos, não menos valiosa” (Cunha, 1986, p. 57). Outrossim, Hunt (2010, p. 96, grifos do autor) destaca que “a literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças”, apontando que o valor e o reconhecimento dessas obras depende do contexto de uso, e que as histórias ali escritas podem ser interessantes para o adulto, mas não necessariamente para as crianças. A partir dessas discussões acerca do que é literatura infantojuvenil e quais suas características, pode-se observar que há uma preocupação em respeitar os interesses e o universo do leitor infantojuvenil e, simultaneamente, proporcionar qualidade estética, uma vez que a idade e a maturidade dos leitores influenciam em sua preferência por textos literários distintos, sendo um fator importante que deve ser levado em consideração durante a escolha dos livros a serem lidos e trabalhados, principalmente em sala de aula.

Segundo Bordini e Aguiar (1988 *apud* Antunes, 2019), a literatura infantojuvenil é dividida em três faixas etárias: 1) de 7 a 10 anos; 2) de 11 a 14 anos; 3) de 15 a 17 anos. Os livros literários voltados para esse público tão amplo têm fortes heranças do folclore e geralmente carregam as seguintes características, propostas por um escritor adulto voltado para uma criança e/ou jovem leitor:

- a) *Cumplicidade*. Com a preocupação de manter a atenção do leitor e ganhar sua simpatia, o narrador procura estabelecer certa intimidade entre os dois, fazendo comentários e observações para sugerir que é alguém próximo da pessoa que o lê no momento.
- b) *Linguagem agradável*. Para não entediar nem cansar seu leitor, o escritor usa uma linguagem simples, com expressões contemporâneas, que se aproxime do modo de falar dos jovens, seja por meio de gírias, seja pelas referências a ícones de seu universo.
- c) *Humor*. Esse recurso é usado como forma de manifestar distanciamento em relação a determinados valores ou práticas que mereceriam reparos ou pelo menos alguma



desconfiança, além, claro, de envolver o leitor num jogo que apela para sua inteligência.

d) *Aventuras*. Traço comum aos best-sellers, elas servem para dotar a narrativa de muitas ações, realistas ou fantasiosas, que contribuem para prender a atenção de um leitor pouco acostumado a reflexões ou movimentos mais intimistas.

e) *Trama policial e mistério*. Assim como no caso anterior, enredos centrados no desvendamento de um crime ou no esclarecimento de situações misteriosas também favorecem o envolvimento do leitor.

f) *Erotismo*. A referência ao amor mesmo a práticas amorosas também alimenta a curiosidade e o interesse do leitor pouco atento. Assim como o anterior, é um recurso para prender a atenção, independentemente de outras qualidades narrativas.

g) *Informação cultural*. Ao lado da constante referência aos ícones culturais da juventude, que também contribui, no plano da linguagem, para criar identificação com o leitor, a menção a aspectos mais amplos da cultura é usada como forma de enriquecer e ampliar o seu universo cultural.

h) *Bom exemplo*. De forma direta ou apenas sugerida, sancionar bons comportamentos e atitudes corretas do ponto de vista humano, social e político é uma maneira de contribuir para a formação do jovem leitor. Com a mesma preocupação, procura-se não endossar práticas condenáveis, como o uso de drogas, a perversão sexual, os atos de violência e os preconceitos sociais, religiosos, raciais, entre outros (Antunes, 2019, n. p).

Ou seja, as obras literárias infantojuvenis precisam ser atrativas ao público almejado, para despertar seu interesse e cativá-lo, mas, ao mesmo tempo, não deixar de ensiná-lo e instruí-lo, de forma simples, a descobrir e buscar enraizar determinados preceitos e conhecimentos preestabelecidos pela sociedade. Para os especialistas, a “literatura ideal” para crianças e jovens é aquela que emancipa, que proporciona o verdadeiro prazer estético e que incentiva a transformação do conhecimento por meio da criticidade e expressividade (Antunes, 2019).

É interessante apontar que, segundo Magda Soares (2006), o crescimento repentino dessa arte literária voltada ao público infantojuvenil se dá, não por acaso, com a multiplicação de vagas na escola brasileira e inevitavelmente, ao tornar-se cada vez mais próxima dela, ela é escolarizada: há apropriação da literatura infantojuvenil para atender seus fins específicos, educacionais. Porém, o termo “escolarização” é tomado frequentemente de forma errônea, como algo pejorativo quando se trata dos saberes e produções culturais – no qual a literatura se inclui –, pois a instituição escola é constituída pelos “saberes escolares”, os quais são corporificados, curricularizados e sistematizados num tempo de aprendizagem e espaço de ensino com conteúdo específico para cada nível, de modo que os alunos são reunidos para aprender gradativa e coletivamente os saberes e conhecimentos formais selecionados, excluídos, ordenados e sequenciados, ou seja, escolarizados.



Ainda, conforme a autora, é inevitável que a literatura infantojuvenil também se torne um “saber escolar”, não obstante, não se pode, em tese, tratar essa escolarização como algo pejorativo ou criticá-la, pois é um processo necessário e negá-lo seria negar a própria escola. Contudo, na prática, a literatura – não somente ela em geral, mas também os outros tipos de conhecimento – é escolarizada de forma imprópria, e é isto que se pode e deve criticar: a forma como a literatura é pedagogizada, distorcida, desfigurada, desvirtuada e falsificada em prol dos fins didáticos, deixando de lado o protagonismo do leitor-aluno. Mais adiante, sob viés do letramento literário, aprofundar-se-á a respeito dessa escolarização errônea e como o texto literário e o aluno deveriam ser tratados de modo adequado no processo da leitura.

O Mar da Literatura Fantástica

Em um de seus escritos mais conhecidos, “O direito à literatura”, Candido (2017) escreve sobre a presença e a importância da fabulação na vida do ser humano, independentemente da formação educacional de cada um, pois é algo intrínseco e indispensável que se manifesta nas mais diversas esferas do cotidiano do indivíduo:

não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação [...] ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (Candido, 2017, p. 176-177).

Cada sociedade cria as próprias manifestações ficcionais a partir dos seus valores, das suas normas, das suas crenças e da sua cultura, assim, organizando a visão de mundo de seu povo nas camadas do subconsciente e do inconsciente, incorporando-a profundamente e enriquecendo-a constantemente. Mais adiante, o autor aponta que a literatura – uma das manifestações ficcionais – possui um caráter humanizador, que se entende como

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota da humanidade na medida em que nos torna



mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2017, p. 183).

A literatura, por meio dos recursos da ficção, apresenta uma realidade próxima à realidade do leitor, compartilhando diversos pontos semelhantes, como as dificuldades e as soluções, levando o indivíduo a se conhecer e reconhecer melhor, principalmente porque a ficção pode proporcionar, por meio da linguagem simbólica, uma visão de mundo diferente daquela que a restrita experiência existencial do leitor possibilita, ou seja, o leitor reconhece o entorno que o cerca, com o qual compartilha lucros e perdas (Zilberman, 2003).

Destaca-se, deste modo, a importância das narrativas fantásticas no ambiente escolar, as quais se referem a, basicamente, dois tipos de narrativa: os mitos e as fábulas. Segundo Mircea Eliade (1972), os mitos são tomados como um tipo de “histórias verdadeiras” que buscam contar sobre a gênese de um povo – embora tenha a presença de elementos divinos, sobrenaturais, celestiais ou astrais, como heróis, deuses, semideuses, seres mitológicos como a Medusa e etc. –, são consideradas histórias sagradas que narram fatos que realmente aconteceram e têm como objetivo condicionar, reger a sociedade a partir de um conjunto de regras e leis e estabelecer um bom convívio social. Já as fábulas, para o autor, são consideradas “histórias falsas”, pois tratam de aventuras e proezas profanas, são mais ou menos cômicas, são demarcadas pela presença de elementos fantasiosos e mágicos, como fadas, animais e objetos com trejeitos humanos; são histórias que, por meio da alegoria, permitem ao leitor estabelecer um paralelo com as vivências reais, são contadas em qualquer parte e a qualquer momento para qualquer pessoa, com intuito de transmitir algum ensinamento, alguma moral, algum princípio. Assim sendo, “tudo que é narrado nos mitos concerne diretamente a eles, ao passo que os contos e as fábulas se referem a acontecimentos que, embora tendo ocasionado mudanças no Mundo [...], não modificaram a condição humana como tal” (Eliade, 1972, p. 12).

Todorov (1970) aponta que a narrativa fantástica é uma interação entre o mundo sobrenatural – desconhecido, irreal, fabuloso, inexplicável pelas leis da natureza – e o mundo natural – conhecido, real, palpável, no qual o indivíduo se insere –, de modo que os elementos do primeiro extrapolem os limites de seu universo para o segundo, causando uma “hesitação” no leitor, fazendo-o duvidar da realidade e a quase acreditar no acontecimento aparentemente sobrenatural:



Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de pessoas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Em seguida, essa hesitação deve ser igualmente sentida por uma personagem; desse modo, o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação se acha representada e se torna um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude com relação ao texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”. O gênero fantástico é pois definido essencialmente por categorias que dizem respeito às visões na narrativa; e, em parte, por seus temas (Todorov, 1970, p. 151-152).

Por isso, necessariamente, a narrativa fantástica precisa trazer elementos próprios da verossimilhança³, de forma que o leitor possa olhar, relacionar e comparar o conteúdo fantasioso com o mundo real, assim identificar a própria vida na obra literária.

Com base nisso, a literatura fantástica deriva da narrativa mítica. Essa manifestação literária surge com algumas diferenças – sobretudo no uso das figuras de linguagem como a metáfora –, atribuindo características à essa narrativa de modo que a torna não mais apenas um sistema para condicionar a sociedade a não extrapolar determinados limites preestabelecidos, mas sim para também entreter e proporcionar uma experiência artística-literária. A literatura fantástica se manifesta como uma forma diferente de pensar e interpretar a realidade a partir da imaginação do indivíduo. Candido (2002, p. 83) dizia que

a fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura.

Nesse movimento entre o fabuloso e a realidade, faz-se a imensidão do mar da literatura fantástica: o equilíbrio inicial natural e as regras preestabelecidas são rompidas a partir do surgimento de acontecimentos sobrenaturais, de modo que seja necessário que os personagens enfrentem diversos episódios para estabelecer – ou não – um segundo equilíbrio.

Longe pois de ser um elogio do imaginário, a literatura fantástica coloca a maior parte de um texto como pertencente ao real, ou mais exatamente, como provocada por ele, como um nome dado à coisa preexistente. A literatura fantástica nos deixa

³ Algo que é tido como ou aparenta ser verdadeiro, que se assemelha com a realidade. Para Aristóteles (2005), em sua *Poética*, é o máximo grau de aproximação que uma obra literária tem com a realidade pois, para ele, tudo é mimese (imitação), sendo essa uma característica inata do ser humano e, a verossimilhança, quando carregada de veracidade poderia persuadir e chamar a atenção do leitor facilmente.



em mãos duas noções, a de realidade e a de literatura, tão insatisfatórias uma como a outra (Todorov, 1970, p. 165-166).

Por isso a importância da valorização desse gênero literário no âmbito escolar. É a partir da imaginação que o leitor experiencia um universo diferente daquele que vivencia e se conecta profundamente com o texto lido, um processo fundamental para a formação inicial do leitor literário.

A Batalha do Letramento Literário

Como dito anteriormente, a escolarização errônea da literatura impacta diretamente na formação do leitor literário. A “maldição” de utilizar o texto como pretexto ainda prevalece na contemporaneidade. Embora os estudos sobre formas melhores de ensinar literatura tenham se desenvolvido nas últimas décadas, a prática ainda está engatinhando em direção ao que seria ideal, conforme Lajolo (1993, p. 70) aponta:

o primeiro momento de liberação do texto literário da gramatiquice aguda coincidiu com a adesão a uma espécie de modelo simplificado de análise literária: questionários a propósito de personagens principais e secundários, identificação de tempo e espaço da narrativa, escrutínio estrutural do texto. Com pequenas alterações, esse modelo persiste até hoje, convivendo agora com propostas de leitura que desembocam em desenfreado ativismo.

Segundo Rildo Cosson (2022), além de aprender a ler e fazer o uso social da escrita a partir do letramento via textos literários, o indivíduo também precisa dominar essas habilidades efetivamente. Sendo assim, o letramento literário⁴ surge como teoria e prática capaz de aproximar o aluno da literatura nas escolas, defendendo que o texto literário deve ser trabalhado em sua integridade, dentro ou fora da sala de aula, não apenas como pretexto para que o aluno aprenda outros conteúdos, sejam eles de língua portuguesa, história, sociologia ou qualquer outro fim que não seja vivenciar a experiência literária em si.

Os livros não falam por eles mesmos, por isso é necessário que o leitor use os próprios mecanismos de interpretação, os quais são aprendidos e aprimorados majoritariamente no âmbito escolar. A leitura literária deve ser tomada como algo para além

⁴ De acordo com Cosson ([s.d.]) o letramento literário é “o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”, ou seja, um movimento contínuo de construção de sentidos a partir da linguagem literária, o qual perdura a vida toda em cada obra que o indivíduo tem contato.



da mera leitura de fruição, como um meio de conhecimento que precisa ser explorado adequadamente no processo de aprendizado do aluno. Para tanto, segundo o autor (Cosson, 2022), a literatura tradicional precisa descer do pedestal em que foi mantida em adoração por tantos séculos – pois foi forjada como algo distante do aluno-leitor, como algo sagrado, inacessível, intocável –, e ser concebida, por meio do letramento literário, como “um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos” (Cosson, 2022, p. 29), pois somente a partir desse intenso processo de interação entre a obra literária e o aluno-leitor, dessa troca efetiva de sentidos de diferentes sociedades em que o escritor e o leitor estão localizados é que há a verdadeira leitura literária.

O autor propõe sequências metodológicas alternativas para desenvolver o letramento literário: a) a sequência básica, que se divide em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação e b) a sequência expandida, que se divide em: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização (teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e/ou temática), segunda interpretação e expansão.

Nessa perspectiva, compreende-se que tornar-se um leitor é muito mais que dominar uma habilidade ou desenvolver um hábito, saber ler e ser um leitor são práticas sociais que fazem parte das relações humanas e as transformam, interpretando e dialogando com o texto, tendo como limite o contexto – o qual se delimita a partir daquilo que já vem com o texto e o que o leitor atribui a ele a partir da sua realidade. Mas, o desafio, a batalha do letramento literário, é formar leitores de literatura, capazes de se relacionar, compreender e exercer a linguagem das diversas manifestações literárias de maneira específica, assim, construindo o corpo simbólico do indivíduo, intrínseco para a afirmação da nossa condição humana (Cosson, 2021).

Além disso, o autor ressalta a importância de trabalhar com obras atuais – aquelas consideradas significativas no tempo em que o leitor está sincronizado, independentemente da época da sua escrita ou publicação –, o que difere de obras contemporâneas – aquelas escritas e publicadas no tempo em que o leitor está sincronizado.

A literatura atual é o que gera interesse de leitura dos alunos, daí a importância de compreender a necessidade de as obras serem diversificadas, uma vez que cada obra traz um olhar, uma vivência e uma representação de mundo de forma única. De um lado, é inegável a importância de se trabalhar a literatura tradicional como herança cultural e



conhecer a historicidade da língua, de outro, a literatura dos dias atuais também se faz indispensável para a formação do leitor literário, pois

a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura (Cosson, 2022, p. 35).

Sendo assim, a literatura deve ser tomada como um polissistema, ou seja, constituída de diversas manifestações literárias – que naturalmente se retroalimentam e se completam – e devem ser contempladas na escola, por isso a importância da presença de outros gêneros literários, não somente a literatura tradicional, mas também a literatura fantástica infantojuvenil, um gênero que circula entre os alunos-leitores. Em vista disso, é necessário, primeiramente, desenvolver e consolidar o hábito da leitura, para então fomentar e aprofundar a capacidade de interpretação, da construção de sentidos e da fruição das mais diversas manifestações literárias de forma gradativa, como elucida Maria Margallo (2021, p. 63):

Abrir este espaço para <leituras vivas> que os alunos sentem como próprias e recomendam vivamente para os seus colegas permitirá conhecer seus pontos de partida e tê-los em conta para construir pontes para outras leituras de mais qualidade que lhes façam crescer como leitores capazes de uma leitura mais distanciada e “complexa”.

Cosson (2022, p. 47-48) complementa ao dizer que o ensino de literatura há de ser conduzido num movimento contínuo, “partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno”. Diante disso, esse estudo toma como *corpus* a série de livros *Percy Jackson e os Olimpianos* (Riordan, 2014) visto que os vários livros que a compõem são obras fantásticas, atuais e relevantes que fazem parte da realidade do aluno-leitor, o ambiente escolar e, ao serem trabalhadas de forma adequada, podem contribuir com a formação leitora de um indivíduo.



Percy Jackson e os Olimpianos: o contexto escolar

Para ilustrar as obras de Riordan enquanto possibilidade de formação de leitores literários a partir da literatura fantástica infantojuvenil, tendo um olhar crítico baseado nos autores supracitados no aporte teórico, selecionou-se recortes que se assemelham a possíveis situações vivenciadas pelo público infantojuvenil.

O autor utiliza de diversos recursos característicos do gênero (Antunes, 2019; Colomer, 2003) para prender a atenção dos leitores, dando destaque à linguagem acessível, ao humor, às aventuras e aos capítulos não muito extensos, se destacando ao adaptar os incontáveis mitos gregos – como os da Medusa, de Hades e Perséfone, das tarefas de Hércules, de Ícaro e Dédalo, de Ariadne e Teseu, de Aracne, de Jasão e o velocino de ouro, de Prometeu –, inserindo-os ao enredo de forma cativante e lógica, diferindo-se daquela em que o leitor está comumente acostumado a ler. Até mesmo os títulos criativos de cada capítulo chamam a atenção do leitor: logo no capítulo um do primeiro livro, intitulado “Sem querer, transformo em pó minha professora de iniciação à álgebra”, o narrador-personagem – o próprio Percy, personagem principal, um garoto de 12 anos “problemático”, com TDAH e dislexia – conversa com o leitor:

Olhe, eu não queria ser um meio-sangue.
Se você está lendo isto porque acha que pode ser um, meu conselho é o seguinte: feche este livro agora mesmo. [...]
Ser um meio-sangue é perigoso. É assustador. Na maioria das vezes, acaba com a gente de um jeito penoso e detestável.
Se você é uma criança normal, que está lendo isto porque acha que é ficção, ótimo. Continue lendo. Eu o invejo por ser capaz de acreditar que nada disso aconteceu.
Mas, se você se reconhecer nestas páginas – se sentir alguma coisa emocionante lá dentro –, pare de ler imediatamente. Você pode ser um de nós. E, uma vez que fica sabendo disso, é apenas uma questão de tempo antes que *eles* também sintam isso, e venham atrás de você.
Não diga que eu não avisei (Riordan, 2014, p. 9).

Essa interação na primeira página atiza a curiosidade do jovem leitor, instigando-o a continuar o livro para conhecer o universo do personagem. Ao longo da leitura, ele acompanhará os pensamentos e as aventuras de Percy a partir da sua visão sobre o mundo, descobrirá que ele é um adolescente problemático quase normal – tornando-o um jovem real, deixando “público” aquilo que socialmente se tenta esconder –, mas as “encrencas” nas quais se mete possuem explicações fora do comum, pois mescla a mitologia grega com a



realidade, fazendo com que tanto o personagem quanto o leitor hesitem diante dos acontecimentos vivenciados – assim como propõe Todorov (1970) – duvidando do quanto os fatos são reais e quanto são fantásticos.

Neste livro, Percy descobre ser filho do deus do mar, Poseidon, e que, junto dos seus amigos Annabeth e Grover – filha da deusa da sabedoria, Atena, e um sátiro, respectivamente –, precisam enfrentar monstros e deuses para recuperar e devolver o raio mestre de Zeus que fora roubado para, assim, evitar uma guerra entre os deuses e consequentemente o fim do mundo ocidental, tudo isso antes do solstício de verão. Embora a obra infantojuvenil pareça simples, é possível observar uma maior profundidade e complexidade, as quais o autor busca trazer em suas adaptações sobre os problemas humanos (Colomer, 2003), dando destaque às relações interpessoais, seja no âmbito da amizade, no âmbito familiar ou até mesmo no âmbito amoroso. Toma-se como exemplo o relacionamento abusivo que Sally Jackson – mãe de Percy – vivia com Gabe Ugliano – padrasto de Percy – para proteger o próprio filho. Ao compreender o nível dos abusos que a mãe sofria, o jovem semideus quer se vingar e oferece uma maneira de se livrar do padrasto por ela, mas ela se opõe à interferência direta do filho e decide encontrar coragem para resolver a própria vida sozinha:

– Eu acho que você sabe, Percy. Eu acho que você é parecido o bastante comigo para entender. Se é para a minha vida ter algum significado, tenho de vivê-la eu mesma. Não posso deixar que um deus cuide de mim... ou meu filho. Eu preciso... encontrar a coragem sozinha. A sua missão me fez lembrar disso (Riordan, 2014, p. 362).

Com relutância, Percy respeita a decisão da mãe e se contenta em dar todo apoio necessário a ela. Ainda nesse tema, em *O Mar de Monstros*, o segundo livro, Grover se encontra em perigo e Percy precisa salvá-lo. As defesas do Acampamento Meio-Sangue – o lugar mais seguro para semideuses – se enfraquecem devido a um ataque. Junto de Annabeth e Tyson – meio irmão ciclope de Percy –, eles navegam pelo Mar de Monstros para salvar Grover e encontrar um item mágico capaz de salvar o lar dos meio-sangues. Após resolverem a situação e ter de lutar contra seu antigo amigo Luke – filho de Hermes, o deus dos viajantes e dos ladrões – que virou inimigo por conta de ressentimentos com o seu pai, Percy retorna ao Acampamento e tem um diálogo com Hermes:



– Percy, a parte mais difícil de ser um deus é que você, muitas vezes, precisa agir indiretamente, em especial quando se trata dos próprios filhos. Se fôssemos interferir todas as vezes em que os nossos filhos têm um problema... bem, isso só iria criar mais problemas e mais ressentimento. [...]

Hermes encolheu os ombros.

– Famílias são complicadas. Famílias imortais são eternamente complicadas. Às vezes, o melhor que podemos fazer é lembrar um ao outro que somos aparentados, aconteça o que acontecer... e tentar limitar ao mínimo as mortes e as mutilações.

Aquilo não pareceu exatamente uma receita para a família perfeita (Riordan, 2014, p. 265).

Todo semideus possui problemas com a família, sobretudo ao ter de lidar com o abandono de seus progenitores divinos, pois eles, por serem deuses, não podem interferir diretamente na vida e no destino de seus filhos. Essas restrições – denominadas Leis Antigas – causam diversas mágoas e ressentimentos por parte da prole, pois a maioria não consegue compreendê-las e aceitá-las, buscando sempre chamar atenção de seus pais de alguma forma, seja boa ou ruim. Por um lado, de forma metafórica, Riordan aborda um atual fenômeno social que afeta negativamente o desenvolvimento socioemocional das crianças: só no Brasil, conforme apontam os dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen) de uma pesquisa feita em 2023, houve um crescimento de 1,4% no número de crianças registradas com “pai ausente” de 2018 a 2023. Por outro lado, em *O Último Olimpiano*, o quinto livro da série, descobre-se que Hermes sabia o destino trágico e cruel do seu filho favorito – que ele se tornaria o principal instrumento das forças inimigas e se sacrificaria pela causa –, porém não poderia impedi-lo e sofria profundamente com isso, pois todo herói deve trilhar o próprio caminho e arcar com as consequências das decisões tomadas ao longo da vida, sejam elas boas ou ruins, nem mesmo seus pais poderiam resolver todos os seus problemas, ele deveria enfrentá-los sozinho, assim como qualquer pessoa na vida real.

Além disso, o autor também aborda outros temas pertinentes à existência do ser em suas obras. Podemos citar como exemplo o terceiro livro, *A Maldição do Titã*, em que Annabeth e Ártemis – a deusa da lua e da caça – são sequestradas. Percy descobre que o mal – Cronos, o Senhor dos Titãs – está se reerguendo e planeja destruir a humanidade. Com seus amigos, ele precisa encontrá-las e impedir os planos do titã e de seus comparsas, mas diversos sacrifícios serão necessários ao longo desta jornada. Durante esse processo, além de enfrentar obstáculos externos, precisa também aprender a conhecer a si mesmo, uma tarefa árdua e constante não somente para o semideus, como também para o jovem leitor,



que está numa fase de descobertas, tanto sobre o mundo lá fora quanto sobre o mundo interno, sobre si. Ilustra-se esse tema a partir do seguinte diálogo que ele tem com Atena a respeito de como enfrentar seu maior inimigo, mas também seu próprio defeito mortal:

- Cronos conhece seu defeito, mesmo que você não conheça. Ele sabe como estudar seus inimigos. Pense, Percy. Como ele vem manipulando você? Primeiro, sua mãe foi tirada de você. Depois, seu melhor amigo, Grover. Agora minha filha, Annabeth.
- Ela fez uma pausa, desaprovadora. – Em todos os casos aqueles que você ama foram usados para atraí-lo às armadilhas de Cronos. Seu defeito fatal é a lealdade, Percy. Você não sabe a hora de recuar diante de uma situação sem saída. Para salvar um amigo, você sacrificaria o mundo. Para um herói da profecia, isso seria muito, muito perigoso.
- Cerrei os punhos.
- Isso não é um defeito. Só porque quero ajudar meus amigos...
- Os defeitos mais perigosos são aqueles que, com moderação, são qualidades. – afirmou ela. – É fácil lutar contra o mal. A falta de sabedoria... esta, sim, é muito difícil de vencer (Riordan, 2014, p. 303).

Em suas obras, Riordan aborda os defeitos humanos não somente dos jovens adolescentes, mas também dos próprios deuses, que viveram por milênios e continuam tendo as mesmas personalidades fortes, desejos e vontades, continuam errando e acertando da própria maneira, como observa-se em *A Batalha do Labirinto*, o quarto livro da série, quando Percy, Grover, Annabeth e Tyson encontram Hefesto – o deus das forjas – e têm uma conversa a respeito de Hera – a deusa do casamento e da família – e a família olimpiana:

- Houve uma época em que eu admirava os centímanos. – Hefesto resmungou. – Nos tempos da primeira guerra. Mas as pessoas, os monstros e até mesmo os deuses mudam, jovem ciclope. Não se pode confiar neles. Veja minha amorosa mãe, Hera. Vocês a encontraram, não foi? Ela lhes sorri e fala sobre a importância da família, não é? Mas isso não a impediu de me atirar do Monte Olimpo quando viu meu rosto feio.
- Mas pensei que tivesse sido Zeus quem fez isso. [...]
- Mamãe gosta de contar essa versão da história – ele grunhiu. – Faz com que ela pareça mais simpática, não é? Botar a culpa toda em meu pai. A verdade é que minha mãe gosta de família, mas de determinado tipo: a família *perfeita*. Ela olhou para mim e... bem, não me enquadrando na cena, não é mesmo? (Riordan, 2014, p. 198-199).

Para Riordan, nem mesmo os deuses são capazes de escapar das imperfeições que pululam a existência do ser, muito menos dos questionamentos que os fazem ter consciência do significado da própria existência, o qual em tese é imortal, mas na prática, segundo o autor, os deuses também podem morrer, assim como qualquer outro ser vivente:

- Mas os deuses não podem morrer – disse Grover.



– Eles podem desaparecer aos poucos – afirmou Pã –, quando tudo que representam tiver deixado de existir. Quando seu poder se esvai e seus locais sagrados sucumbem. O mundo selvagem, meu querido Grover, está tão pequeno agora, tão destruído, que nenhum deus pode salvá-lo. Meu reino acabou. É por isso que preciso que você leve uma mensagem. Você deve voltar ao conselho. Deve dizer aos sátiros, às dríades e aos outros espíritos da natureza que o grande deus Pã *está* morto. Conte a eles sobre minha morte. Porque eles precisam parar de esperar que eu os salve. Eu não posso. A salvação tem de partir de cada um. Todos vocês precisam... (Riordan, 2014, p. 321-322).

No fim das contas, os deuses só existem por representarem algo na crença dos seres mortais, que sempre aguardam bênçãos ou algum tipo de intervenção divina em suas vidas. Quando os deuses são esquecidos ou o que eles representam são extintos, a essência deles também se esvai aos poucos e eles, de certa forma, morrem, o que não é muito diferente dos homens. Indiretamente, o autor utiliza da morte do deus Pã – além das restrições dos deuses em relação aos seus filhos – para demonstrar que cada um precisa trilhar o próprio destino, “se salvar” e encontrar a força para enfrentar os recorrentes problemas da vida, sejam eles internos ou externos.

De modo geral, a construção da narrativa literária somada à releitura dos antigos mitos gregos na contemporaneidade de forma fantástica – enquanto gênero conforme exposto no aporte teórico e também algo esteticamente maravilhoso – pode se contrapor às produções que empobrecem o processo de construção de sentidos, tornando a série uma obra literária antagônica aos textos infantojuvenis que propiciam a pauperização do ato de ler para fins meramente pedagógicos (Colomer, 2003). É a partir de um cenário comum que o aluno-leitor é convidado, conduzido pelo narrador-personagem, a experimentar acontecimentos extraordinários – como os ataques dos monstros mitológicos como minotauro e ciclopes – causados pela interação do mundo sobrenatural ao mundo natural, incentivando o aluno-leitor a refletir sobre a sociedade.

A série possibilita o incentivo à formação do leitor literário a partir da presença implícita ou explícita de temáticas que permeiam do universo do leitor e o universo das histórias, pois o autor tenta usar dos mitos para ensinar ao leitor questões individuais e coletivas que afligem a sociedade, como, por exemplo, o abandono parental, o desnível social, as responsabilidades enfrentadas e os dilemas vividos nessa faixa etária de infância e juventude, os relacionamentos humanos, a imperfeição da existência do ser, a pressão da sociedade perante àquilo que é considerado “anormal” e os padrões preestabelecidos, os perigos do mundo real, o TDAH e a dislexia, a jornada de herói e conseqüentemente a luta



contra o próprio destino... são inúmeros os elementos que poderiam traçar paralelos com a realidade do aluno-leitor, contribuindo para que ele se reconheça como sujeito, reconheça e organize o mundo em que está inserido (Lajolo, 1993), vivencie outras experiências de realidades distintas às quais está acostumado e adquira novos conhecimentos a partir da linguagem simbólica (Zilberman, 2003).

O último trecho: as considerações finais

Compreendeu-se, ao longo deste trabalho, que a formação do leitor literário é gradativa, por isso a importância de partir de literaturas mais acessíveis para as progressivamente mais complexas, pois o leitor só amadurece a partir de desafios (Cosson, 2022). Deste modo, faz-se a importância do docente partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que desconhece, aos poucos ampliando seu horizonte de leitura.

Portanto, apesar de a literatura infantojuvenil carregar heranças pedagógicas, ter sido escolarizada de forma errônea e ser menosprezada, é inegável sua importância – assim como a literatura tradicional – para contribuir com a formação do leitor literário, um processo tão árduo e caro para as escolas, uma vez que o ensino de literatura anda em conjunto com o ensino de língua, muitas vezes eles se fundem e, ao invés de um complementar o outro, acabam por empobrecer a construção de sentidos da leitura literária.

Como forma de se contrapor a essa realidade, este trabalho buscou apontar a série de *Percy Jackson e os Olimpianos*, aliada às práticas de letramento literário, como potencial “porta de entrada” à leitura literária. Os livros são escritos de forma que atijam a curiosidade do leitor e trabalham, de forma metafórica, questões que compõem a realidade e a existência do aluno. Os mitos gregos adaptados indiretamente trazem diversos ensinamentos ao indivíduo. As inúmeras estratégias adotadas pelo autor incentivam o leitor a continuar a leitura e a buscar por outras obras, cada vez mais complexas. Assim, gradativamente, ele amadurece como leitor literário.

Referências

ANTUNES, Benedito. **A literatura juvenil na escola**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. E-book. 125 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/synhw>. Acesso em: 11 jan. 2024.



- ARISTÓTELES. A poética. In: **A poética clássica**: Aristóteles, Horácio, Longino. 12 ed. Traduzido por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 171-194.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Unicamp, 2002. p. 83
- COLOMER, Teresa. **A Formação do Leitor Literário**. São Paulo: Global, 2003. 455 p.
- COSSON, Rildo. Ensino de literatura sempre: três desafios hoje. In: PINTO, F. *et al.* (orgs.). **Ensino da literatura no contexto contemporâneo**. Campinas: Mercado de Letras, 2021. p. 35-52.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022. 139 p.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999. 140 p.
- CUNHA, Maria. A. A. C. **Literatura Infantil: Teoria & Prática**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986. 143 p.
- CURCIC, Dimitrije. Percy Jackson Book Series Statistics. *Wordsrated*, 2021. Disponível em: <https://wordsrated.com/percy-jackson-book-series-statistics/>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- ELIADE, Mircea. A estrutura dos mitos. In: **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 06-19.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 328 p.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática. 1993. 112 p.
- LETRAMENTO Literário. In: **Glossário Ceale**, [s.d.]. Letramento literário. Disponível em: [https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario#:~:text=Institui%C3%A7%C3%A3o%3A%20Universidade%20Federal%20de%20Minas,be m%20claros%20os%20seus%20termos](https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario#:~:text=Institui%C3%A7%C3%A3o%3A%20Universidade%20Federal%20de%20Minas,be m%20claros%20os%20seus%20termos.). Acesso em: 26 fev. 2024.
- MAIS 170 mil crianças não receberam o nome do pai no último ano no Brasil. **ARPEN Brasil**, 23 ago. 2023. Disponível em: https://arpenbrasil.org.br/press_releases/mais-170-mil-criancas-nao-receberam-o-nome-do-pai-no-ultimo-ano-no-brasil/. Acesso em: 30 dez. 2023.
- MARGALLO, Ana. M. O fomento à leitura literária na escola. In: PINTO, F. *et al.* (orgs.). **Ensino da literatura no contexto contemporâneo**. Campinas: Mercado de Letras, 2021. p. 53-74.
- NOTABLE Books of 2005. **The New York Times**, Nova York, 4 dez. 2005. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/12/04/books/review/notable-books-of-2005.html>. Acesso em: 30 dez. 2023.
- REIS, Roberto. Cânon. In.: **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 445p.
- RICK Riordan. **Intrínseca**, [s.d.]. Disponível em: <https://intrinseca.com.br/autor/rick-riordan/>. Acesso em: 30 dez. 2023.
- RIORDAN, Riordan. **O Ladrão de Raios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 400p.
- RIORDAN, Riordan. **O Mar de Monstros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 304p.



- RIORDAN, Riordan. **A Maldição do Titã**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 336p.
- RIORDAN, Riordan. **A Batalha do Labirinto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 392p.
- RIORDAN, Riordan. **O Último Olimpiano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 384p.
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In: A escolarização da leitura literária*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-48.
- TODOROV, Tzvetan. A narrativa fantástica. *In: As estruturas narrativas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 147-166.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.
- ZILBERMAN, Regina. Literatura infantojuvenil: o leitor e a qualidade artística. **Perspectiva**, Florianópolis, v.1, n. 4, p. 98-102, jan./dez., 1985.

